

AMORIM NEWS

ANO 37 / NÚMERO 2

Paixão pela inovação

Rolhas que prescindem do saca-rolhas, compósitos de cortiça com biopolímeros criando formas nunca antes alcançadas, soluções para relvados naturais que ao substituir a tradicional turfa reduzem em 40% as lesões dos jogadores de futebol. Tecnologia que permite uma performance de TCA (tricloroanisol) não detetável numa análise rolha a rolha, pavimentos flutuantes sustentáveis, 100% à prova de água e sem PVC, aplicações inovadoras para as indústrias aeroespacial, da construção, dos transportes, da energia ou do design. Redução do primeiro ciclo de extração da cortiça, sequenciação do genoma do sobreiro, irrigação gota a gota. Economia circular, produtos verdes, eficiência energética. Bem-vindos ao mundo Amorim.



-
- 3** Editorial
João Pedro Azevedo
- 4** Amorim Cork Italia
vence Prémio de Responsabilidade Social
- 5** Cortiça na Bienal de Arquitetura
de Veneza em 2021
- 6** A cortiça não é para ficar escondida.
É para ficar à vista
Eduardo Souto de Moura
- 9** Corticeira Amorim: paixão pela inovação
- 18** Quando não há espírito de sacrifício
não há paixão
Família Cardoso
- 20** Taboadella: na vinha do Dão, como na vida
- 22** *Estrutura Residencial para Idosos*
António Ferreira de Amorim
10º aniversário da Bagos D'Ouro
- 23** 150 Anos: Terceiro ato



De forma genérica e transversal, a inovação para a Corticeira Amorim é a capacidade de, sistematicamente, desenvolver novos materiais, produtos, aplicações e processos que exploram arenas competitivas estratégicas, onde as características da cortiça são altamente valorizadas pelos clientes, gerando criação de valor para a empresa e para os restantes stakeholders.

Começamos pelo fim. Um dos traços mais marcantes e distintivos do Grupo Amorim é a forte orientação para resultados. O investimento de mais de oito milhões de euros que é feito anualmente em inovação tem que apresentar resultados tangíveis e significativos, caso contrário é puro desperdício de recursos – sem resultados, não há inovação.

Em segundo lugar, temos que ser capazes de o fazer sistematicamente, ano após ano, consistentemente e garantindo uma previsibilidade positiva aos nossos clientes, colaboradores e acionistas.

Em terceiro lugar, como líderes de mercado que somos, temos que assumir a atitude e o risco de trazer novidade. Nos últimos três anos, a Corticeira Amorim submeteu 14 pedidos de registo de patentes, criou uma fábrica de inovação, a i.cork factory, lançou duas joint-ventures para desenvolver planos de negócio em aplicações que não existiam há quatro anos atrás, e tem registado um peso crescente de vendas de novos produtos e aplicações no mix global.

Em quarto lugar, a cortiça terá que ser sempre o elemento distintivo e diferenciador, explorando as dimensões sensorial, eco e funcional do material. Se não existir uma forte razão para a cortiça numa determinada aplicação, nunca

conseguiremos atingir níveis de criação de valor suficientemente interessantes e alinhados com a valorização esperada pelo acionista.

Na Amorim Cork Composites, os novos produtos têm uma margem média superior a dez pontos percentuais em relação à margem média do mix global. É fundamental que os novos produtos, enriqueçam o portfólio e não o contrário.

Em quinto lugar, a valorização da inovação é feita de forma nua e crua pelo mercado, medida em vendas e margens, e esse deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada.

A decisão tomada na Corticeira Amorim, já há alguns anos, de autonomizar os departamentos de inovação das várias Unidades de Negócio, vem claramente reforçar a capacidade de entender os problemas e oportunidades de cada segmento e aplicação. Seria possível termos produtos como o Neutrocork, o Wise, o Corkeen, ou assistir a toda a revolução de processos que temos hoje pela frente na Amorim Florestal, sem uma visão focada nos problemas concretos e específicos de cada Unidade de Negócio? Não creio!

Olhando para o futuro, não haverá crescimento sem uma forte capacidade de entrega da inovação. A eficiência operacional é uma condição necessária para o sucesso, mas não é uma condição suficiente, para nenhuma das Unidades de Negócio, e do que pessoalmente conheço e vejo diariamente, nunca vislumbrei tantas oportunidades para a cortiça como no momento atual. Agora, só depende de nós fazer acontecer.

João Pedro Azevedo
CEO Amorim Cork Composites

ANO 37
NÚMERO 2
JULHO 2020

Sede
Rua de Meladas 380
4536-902 Mozelos VFR
Portugal

Propriedade
Corticeira Amorim

Coordenação
Rafael Alves da Rocha

Redação
Editorialista
Inês Silva Dias

Opinião
João Pedro Azevedo

Edição
Corticeira Amorim

Projecto gráfico
Studio Eduardo Aires
Studio Dobra (paginação)

Tradução inglês
Sombra Chinesa

**Tradução Alemão,
Espanhol, Francês**
Expressão

Impressão e Acabamento
Lidergraf – Artes
Gráficas, S.A.

Distribuição
Iberomail Correio
Internacional, Lda

Embaladora
Porenvel Distribuição,
Comércio e Serviços,
S.A.

Periodicidade
Trimestral

Tiragem
22.000 exemplares

Depósito Legal
386409/15

A Corticeira Amorim, S. G. P. S., S.A. compromete-se a proteger e a respeitar a sua privacidade. Poderá deixar de receber a Amorim News em qualquer altura. Para o efeito, envie-nos um email para press@amorim.com. Para mais informações sobre as nossas práticas de privacidade, bem como sobre o exercício dos seus direitos relativos aos seus dados pessoais, consulte a nossa Política de Privacidade, disponível em www.amorim.com



Amorim Cork Italia vence prémio de Responsabilidade Social Empresarial

A Amorim Cork Italia (ACIT) foi recentemente distinguida com o prémio BBS, da Biblioteca Bilancio Sociale, uma das mais importantes distinções no âmbito da Responsabilidade Social Empresarial, em Itália.

ETICO, o programa de reciclagem de rolhas de cortiça da ACIT, foi o projeto em competição que alcançou o segundo lugar em termos absolutos.

A decorrer deste 2011, o ETICO envolve várias associações e instituições que, por sua vez, mobilizam cerca de mil voluntários e gerem mais de cinco mil pontos de recolha de rolhas por todo o território italiano. Nos últimos cinco anos foram recolhidas, em média, 100 toneladas de rolhas.

Após nove anos de existência, esta foi a primeira vez que a ACIT decidiu candidatar este programa pioneiro ao prémio BBS. Carlos Santos, diretor geral da Amorim Cork Italia, explica que “não existindo nada do género, tivemos que legalizar operações como a stockagem, o transporte, a granulação. Hoje temos um processo maduro e credível. Por isso, achámos que este seria o momento ideal para a candidatura”.

Em 2019, foram recolhidas 115 toneladas de rolhas que, pelas mãos de dois arquitetos italianos, deram origem à coleção SUBER. As rolhas recicladas foram transformadas em pequenos grânulos de cortiça que, depois de combinadas com outros materiais, deram vida a novos objetos, como sistemas de iluminação, mesas, bancos, porta guarda-chuvas e cabides com um design distinto.

O objetivo é levar agora a coleção SUBER até “ao público em geral, às lojas, à *network* Amorim a nível mundial” e, refere ainda Carlos Santos, às caves. “Queremos que as rolhas usadas voltem à cave como objecto de design e decoração”. O diretor geral da ACIT sublinha que o objetivo principal passa por dar “ainda maior importância e protagonismo à cortiça e ao gesto de abrir uma garrafa de vinho”.

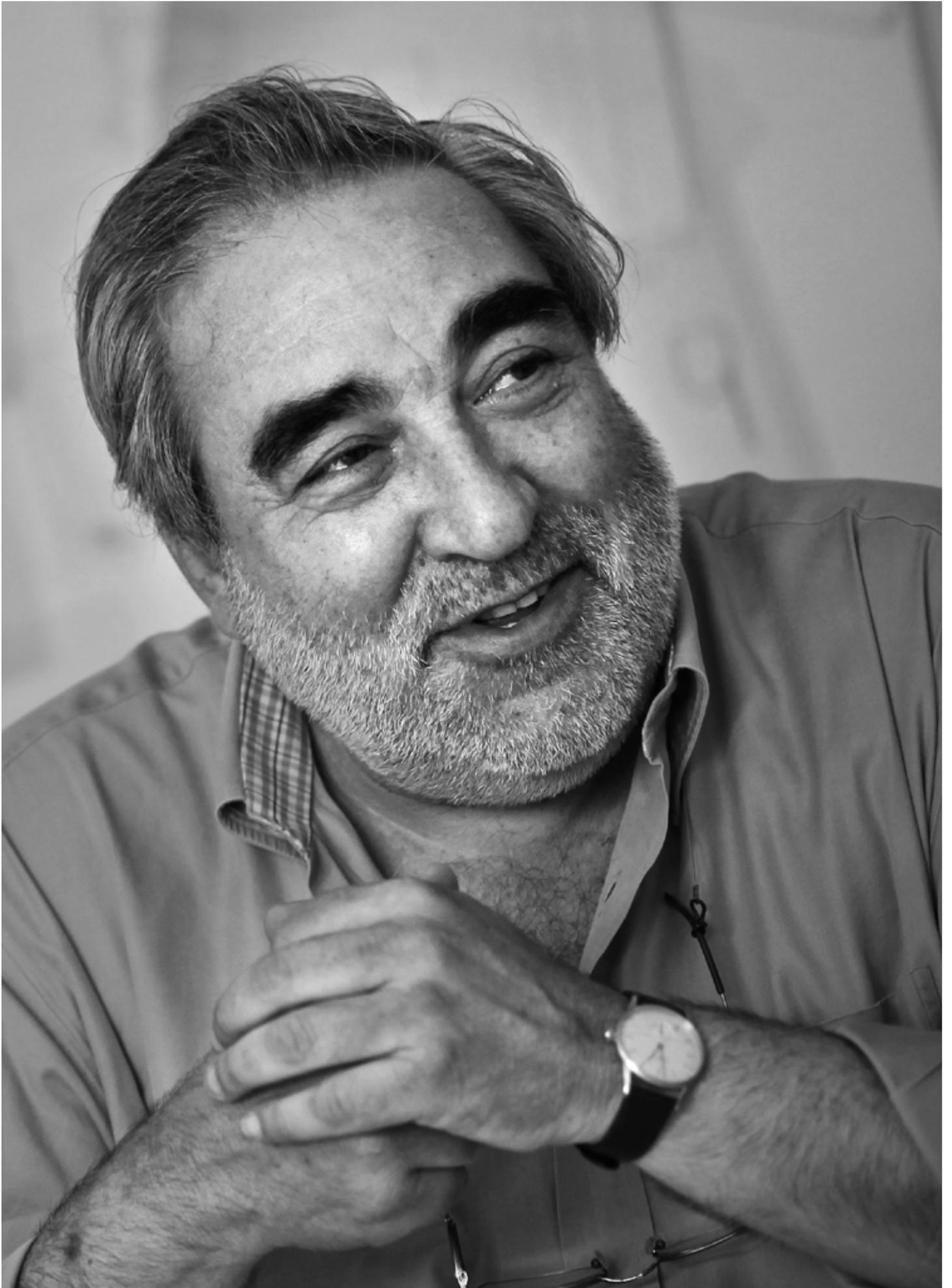
Cortiça na Bienal de Arquitetura de Veneza em 2021



O arquiteto libanês, Hashim Sarkis, curador da próxima edição da Bienal de Arquitetura de Veneza, lançou a questão: *How will we live together?*

A resposta é simples: *In Conflict*, o projeto do coletivo de arquitetos português depA escolhido para liderar a curadoria da representação portuguesa na 17ª Bienal de Arquitetura de Veneza que, devido ao contexto de pandemia, foi adiada para 2021. A proposta vencedora conta com o apoio da Corticeira Amorim (CA), que disponibilizou 100 metros lineares de aglomerado de cortiça fina produzidos pela Amorim Cork Composites. O material permitirá dar vida aos 14 painéis expositivos que compõem a instalação. *In Conflict* junta-se, assim, a outros projetos anteriormente apoiados pela CA que, ao longo dos últimos anos, têm permitido levar a cortiça a um dos mais importantes palcos da arte mundial. Referimo-nos à Trafaria na Praia de Joana Vasconcelos, projeto apresentado na Bienal de Arte de 2013, e, mais recentemente, às instalações de Leonor Antunes e Nacho Carbonell apresentadas nas Bienais de Arte da cidade italiana em 2017 e 2019, respetivamente. A proposta do estúdio português pretende responder diretamente à questão *How*

will we live together?, aprendendo com processos caracterizados pelo conflito, que questionam a problemática do habitar nas suas dimensões física e social. Através da exposição e de debates, os depA procuram “pensar o papel da arquitetura enquanto disciplina artística, pública, política e ética”. Na verdade, a exposição traz para primeiro plano um Portugal recém democrático, empobrecido e em processo de descolonização. Um país marcado pela destruição material, deslocação social e participação social. A partir deste cenário, são chamados à discussão outros projetos relacionados com a problemática, “construindo-se um panorama alargado e transversal dos primeiros 45 anos de democracia nacional através do seu reflexo na arquitetura portuguesa”. Tendo em conta o contexto de saúde pública vivido, a 17ª Bienal de Arquitetura, inicialmente prevista para este ano, passará a realizar-se em 2021. Consequentemente, a Bienal de Arte terá lugar em 2022.



A cortiça não é para ficar escondida. É para ficar à vista

Na arquitetura de Eduardo Souto de Moura, é evidente o fascínio pelos materiais, a sua beleza e autenticidade. Da escala doméstica aos projetos urbanos, a sua arquitetura é sempre um encontro entre inteligência e sensibilidade, atenta ao contexto, e trazendo um sentido histórico para o presente. Numa conversa luminosa, o arquiteto português, vencedor do Prémio Pritzker, revela ...

Qual é a sua primeira memória da cortiça?

Para mim a primeira ideia da cortiça é de uma rolha. O primeiro contacto que nós temos com a cortiça. São as rolhas. Em miúdo a abrir o frasco da lixívia, do azeite, do óleo...

Já nessa altura em miúdo imaginava que a cortiça podia ser mais do que uma rolha?

Não. Nada. Ainda hoje tenho algumas dúvidas. Fundamentalmente [a cortiça], é rolhas. E aí é um material que ninguém o bate. Nada. É impossível. Os isolamentos temos discussões. O primeiro contacto que tive foi a rolha e é 100% eficiente. Não há discussão possível. Quem quiser discutir cala-se porque está provado há séculos que é assim.

Na vida profissional, como usa a cortiça?

Tenho uma memória, uma paramédica no Hospital de S. João, e quando estava doente ou doíam-me os dentes e ia ao hospital, lembro-me de ver o as escadas do hospital em cortiça. E eu disse: como é possível que a cortiça, que quando ponho as mãos numa rolha é mole, aguento o tráfego de milhares e milhares de pessoas aqui? Passados uns anos fui à Suécia. Fui contactado por um atelier norueguês para fazer o aeroporto de Lisboa. Eles fizeram o aeroporto de

Gotemburgo em cortiça da Amorim. E se há sítio onde há um tráfego brutal é no aeroporto. Tem milhões de pessoas por dia e a cortiça portuguesa estava lá.

Das propriedades da cortiça qual é a que considera mais importante?

Já falámos do isolamento. Há um fator que descobri nos EUA quando entrei, talvez, na casa mais conhecida do mundo, que é a *Fallingwater House*, a Casa da Cascata do arquiteto Frank Lloyd Wright. Visitámos a casa e depois abri a porta e vi que os quartos de banho eram em cortiça colada nas paredes. Pus a mão para ver, e ao pôr a mão disse: isto deve ser uma maravilha estar a tomar chuveiro, encostar-me ao azulejo é frio. Isto tem um tato ultra agradável. Daí, depois quando a Amorim me pediu para desenhar um objeto em cortiça, eu desenhei um puxador. Porque lembrei-me dessa casa *Fallingwater*: pus as mãos nas paredes e era do mais agradável possível.

Isso foi em que ano? Recorda-se há quantos anos foi isso?

Foi em 2011 quando ganhei o Pritzker. Fui de manhã ver a casa e à noite ganhei o Pritzker...

É nessa altura que se apercebe que um material que é genuinamente português, uma matéria-prima portuguesa, pode ter uma utilização tão democrática?

Poder pode. Eu não sei se acho bem. Porque hoje usa-se e abusa-se da cortiça. Eu não acho graça nenhuma ter os telemóveis forrados a cortiça. Eu acho que a cortiça tem coisas objetivas e tudo o que é bom tem um campo restrito. Quando tudo dá para tudo, acaba por não dar para nada e eu não gosto disso. E é a defender a minha cortiça portuguesa. Eu vejo cortiça em tantas coisas. Vestidos de cortiça, carteiras de cortiça, telemóveis de cortiça, sacas de cortiça... acho que é um excesso.

Que memórias tem do Pavilhão de Hannover?

No Pavilhão de Hannover começou-se no exterior. Foi uma sugestão, tinha havido obras que me impressionaram muito, com lâminas de pedra como se fossem xisto e depois com o tema, pensámos, porque não fazemos lâminas de cortiça? É um edifício feito a meias com o Siza. Fizemos. Correu bem. Tive um apoio extraordinário da Amorim na parte técnica. Inventamos um bloco, um aglomerado que podia ser de betão, um bloco de cortiça extraordinário.

“Para mim, a arquitetura é uma questão global. Não há arquitetura ecológica, não há arquitetura inteligente, arquitetura sustentável: só há boa arquitetura. Existem sempre problemas que não podemos negligenciar: por exemplo, energia, recursos, custos, aspetos sociais – a todos devemos sempre prestar atenção.”

E sobre a exposição no Centro Cultural de Belém, onde foram utilizados blocos de cortiça?

No CCB eu queria fazer umas sete células para projetar sete vídeos. Precisava de sete espaços delimitados com blocos, tijolos. É evidente que achei que a cortiça era melhor, fazia isolamento, fazia a absorção e depois as pessoas para verem os filmes podiam sentar-se. É fácil de transportar e é fácil de montar. Então fiz a instalação toda em cortiça. A Amorim teve a amabilidade de me oferecer a cortiça para a exposição (depois recuperou, porque aquilo não se estragou). Foi agradável. Gostava de fazer uma referência à Amorim, que em tempo de mecenato é sempre impecável. Eu nunca pedi nada. Sempre que uso a cortiça a Amorim considera isso um mecenato. Em Portugal é raro. Em Portugal quase não há mecenato. As duas coisas que destaco da Amorim são a disponibilidade e o profissionalismo. É uma empresa com um profissionalismo que não é muito normal em Portugal.

E como foi a sua participação no projeto Metamorphosis, da Amorim?

Fiz o puxador e o corrimão. Foi logo quando vim dos EUA e fiquei impressionado, conhecia a cortiça de maquetes, de tato, mas nunca a havia aplicado diretamente na arquitetura em que, inconscientemente, se toca e se usa (na casa dos quartos de banho). Fiquei impressionado e apliquei diretamente o material que vi pelo tato – o corrimão e o puxador. Não sei se está a ser comercializado ou não. Eu gostava muito que fosse. Para além do mais acho-o muito bonito.

Ainda sobre esse puxador, o arquiteto presta sempre muita atenção a este tipo de pormenores. Para si são fundamentais naquilo que é a construção como um todo. Isso não tem a ver só com a cortiça, tem a ver com a sua forma de estar, de desenhar e de projetar...

O pormenor é a cereja em cima do bolo. Boas ideias, o inferno está cheio de boas intenções. Concretizar as ideias e praticá-las não é fácil. É muito difícil. Praticá-las depois com coerência no todo e no particular é muito difícil. E, portanto, o clique, a diferença, faz-se certamente no pormenor.

E o que dizer da sustentabilidade inerente à cortiça?

Claro que a cortiça é sustentável, mas hoje em dia tudo é negócio. Portanto, o preço manda sempre. É horrível isto, mas é a realidade. Não vale a pena sermos românticos e apaixonamo-nos por coisas... o cliente diz não, eu quero este, é o mais barato. Ponto final. Eu queria saber, quando falo de sustentabilidade, não é das qualidades químicas e físicas do material. É o índice económico de aplicação dele.

A minha pergunta é, no pressuposto de não haver teto orçamental, quando tem a porta aberta, considera a cortiça, sendo um material nobre, orgânico, sustentável, reciclável...

Vou ser sincero e honesto. Posso estar errado, mas a cortiça não é para ficar escondida. É para ficar à vista. É uma pena, os sobreiros e aquelas cascas quando atravesso o Alentejo e não estou a ver o sobreiro rebocado com cimento. Portanto, essa imagem é uma coisa que me repudia. Acho a cortiça bonita, pela cor, pela textura, pela naturalidade e não é por acaso que o Pavilhão de Hannover foi um êxito. Primeiro é bonita e depois dá-lhe uma identidade. Agora, depois temos de estudar a eficácia disso. Uma coisa é estarmos apaixonados pelo material... Não acha uma pena um material que leva 45 anos a fazer-se, ser colado a uma parede e depois rebocado por cima? Tem de ser muito bem racionalizado.

Eduardo Souto de Moura nasceu no Porto, em 1952. Formou-se em arquitetura pela Escola de Belas Artes do Porto, e iniciou a sua carreira colaborando com Álvaro Siza, quando ainda era estudante. Em 1981, recém-formado, vence o concurso para o Centro Cultural da Secretaria de Estado da Cultura no Porto, e inicia a sua atividade de forma independente. Entre os seus projetos mais conhecidos, destacam-se a torre Burgo, no Porto, o estádio municipal de Braga, e a Casa das Histórias – Paula Rego, em Cascais.

Para além da sua prática como arquiteto, Eduardo Souto de Moura é professor na Universidade do Porto e professor convidado em Genebra, Paris-Belleville, Harvard, Dublin, ETH Zurich e Lausanne. Em 2011, Eduardo Souto de Moura torna-se o segundo arquiteto português a receber o Prémio Pritzker, e em 2018 recebe o Leão de Ouro da Bienal de Veneza.



Corticeira Amorim: Paixão pela inovação

Se a curiosidade faz mover o mundo, a inovação é a força que permite avançar e ir mais longe. Na Corticeira Amorim, a Investigação & Desenvolvimento + inovação são centrais à estratégia do grupo, decisivas para consolidar a liderança e transversais a todas as unidades de negócio. A inovação transforma sonhos em realidade, torna o impossível real, encontra novas aplicações para um material milenar e acrescenta camadas de sentido à cortiça. Mas a pergunta persiste: de que matéria é feito este impulso inovador?

Há 150 anos que a ambição da Corticeira Amorim é elevar o perfil da cortiça. Isso só é possível através de um compromisso forte, sustentado e inabalável com a inovação. Enquanto é claro que a cortiça é, por natureza, um material fora-de-série, agregando um conjunto de propriedades e características únicas que nenhum material artificial foi capaz de replicar, a verdade é que só o conhecimento científico e a investigação tecnológica, aliados a um pensamento estratégico e criativo, permitem levar a cortiça mais longe, desenvolver novas aplicações para um material 100% sustentável e explorar caminhos nunca imaginados, sublimando aquilo que a natureza criou. Partindo das características naturais da cortiça, e do seu enorme potencial, o desafio para a Corticeira Amorim sempre foi desenvolver novas aplicações, capazes de marcar a diferença e agregar valor. Abre-se, assim, através da inovação, um campo de possibilidades ilimitado para a cortiça, materializado num portfólio sem paralelo no setor, que atravessa todas as unidades do grupo. O que começou como um primeiro laboratório especializado no controlo da qualidade, da produção e de processos (Labcork, criado em 1983), ganhou tal dimensão que a I&D+i envolve atualmente um investimento médio anual de mais de oito milhões de euros, para além do investimento em projetos autónomos de tecnologia de última geração e em processos de produção exclusivos. Como resume António Amorim, Presidente e CEO da Corticeira Amorim, “graças a um investimento sem precedentes em I&D+i, à incorporação de tecnologia de última geração que potencia a capacidade produtiva e a uma postura de empreendedorismo, rigor, criatividade e qualidade, atribuímos uma nova dimensão ao que no séc. XIX começou por ser um pequeno negócio de rolhas de cortiça. Abrimos as portas para a inovação de produto, evoluindo do que era tradicional para as mais sofisticadas aplicações, capazes de responder aos desafios técnicos e ambientais de algumas das indústrias mais exigentes do mundo.” Durante anos, o impulso inovador da Corticeira Amorim esteve focado, sobretudo, na cortiça. Nas próximas décadas, o repto é continuar a expandir o potencial deste material ímpar, ao mesmo tempo que se aprofunda o conhecimento da árvore que está na sua origem, o sobreiro. Na verdade, de melhores sobreiros dependerá melhor cortiça, em quantidade

e qualidade suficientes para responder aos enormes desafios que se avizinham no setor do vinho, mas não só. Esta viagem de descoberta começa com o conhecimento empírico, vivido no terreno, selecionando a melhor matéria-prima. Mas vive-se também nas florestas, onde a cortiça é extraída, e nas fábricas aprendendo com quem mais sabe, e prolonga-se no desenvolvimento de novos materiais e soluções com cortiça, ampliando o seu leque de aplicações.

Pioneirismo na economia circular

Para esta expansão e diversificação de possibilidades da cortiça foi decisiva a abertura, em 1963, de uma unidade especialmente criada para aproveitar os desperdícios da produção de rolhas. A data marca indelévelmente a história da Corticeira Amorim, enquanto grupo cuja missão é acrescentar valor à cortiça, desenvolvendo o potencial deste material tão nobre e único e alargando o seu espectro de aplicações. Marca também de forma clara, e isso é especialmente significativo, o pioneirismo do grupo, que já na década de 1960 dava os primeiros passos no modelo de economia circular que hoje é transversal a todas as unidades de negócio que o integram.

O conhecimento empírico foi o início da viagem, no sentido de aprofundar o entendimento da cortiça, e, conseqüentemente, vislumbrar todo o seu potencial. A criação de unidades industriais que pudessem transformar essa ambição em mais valor, concretizando esse potencial, foi o seguinte passo. Mas era preciso ir mais longe. E por isso a cortiça, cuja história está ligada à descoberta da célula, era analisada à lupa, para que pudesse revelar tudo o que tinha para dar. Em laboratórios, universidades e centros de investigação, cruzando diferentes áreas de conhecimento para responder a cada desafio com criatividade, engenho e visão, sempre em profundo respeito pela Natureza.

O resultado deste percurso apaixonante e transformador é que hoje, impulsionada pela inovação, a cortiça se afirma em todo o mundo como matéria-prima de eleição. Em setores como o vinho, desde logo, mas também na construção sustentável, as indústrias aeronáutica e aeroespacial, os transportes, o *design*, a moda, a arquitetura e as artes, o paisagismo, o desporto e outras infindáveis aplicações em projetos de referência mundial.

AMORIMCORK:

Reinventar a rolha

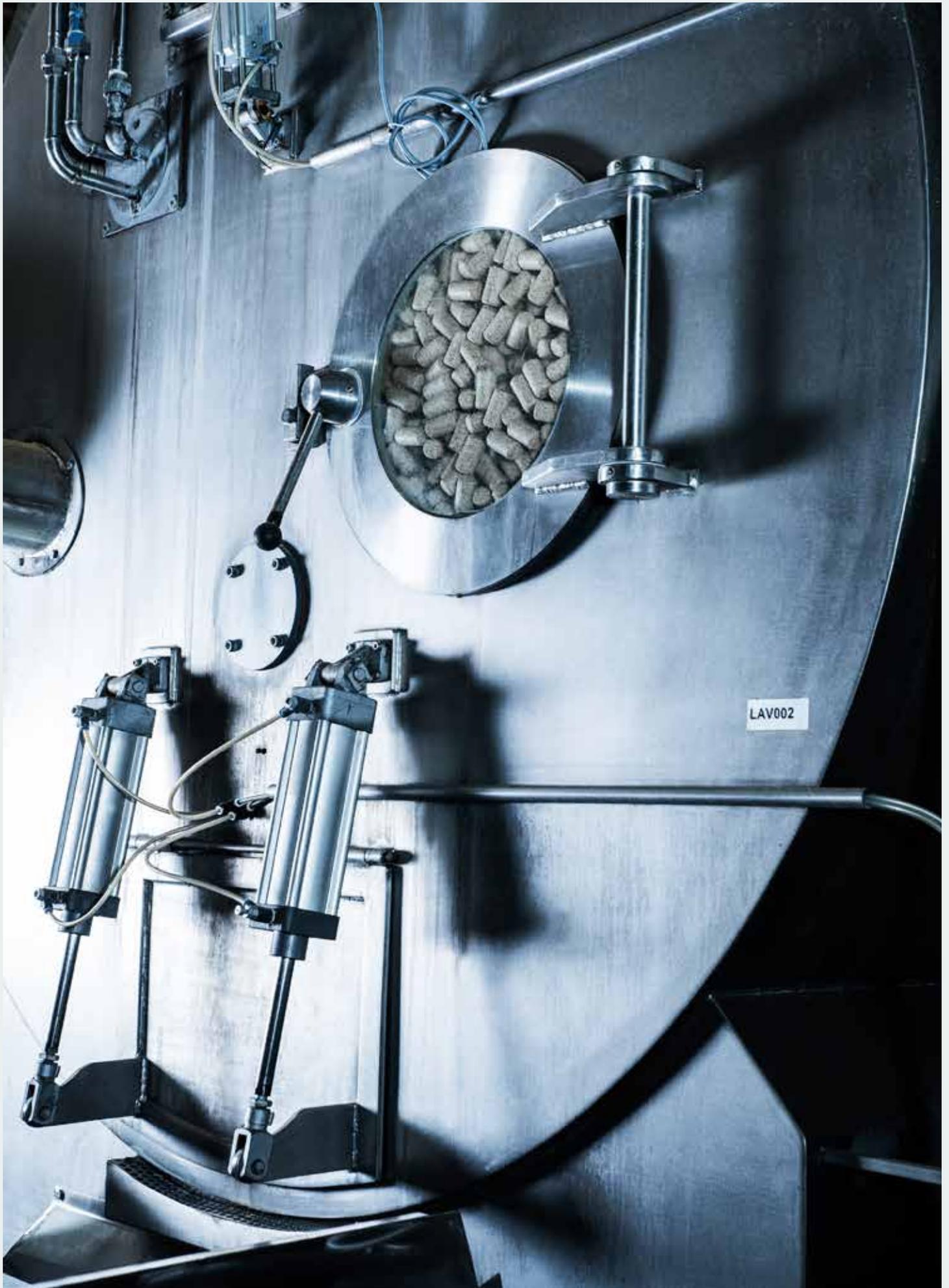
No final dos anos 90, com a ameaça dos vedantes alternativos, a indústria de rolhas enfrentou o maior desafio da sua história. A questão era simples: inovar ou desaparecer. A inovação levou a melhor, e hoje o conhecimento, aliado à tecnologia de ponta, produz as melhores rolhas do mundo, preferidas por produtores de vinho e consumidores. Da erradicação do TCA (tricloroanisol) à interação vinho-vedante, na Amorim Cork a inovação leva a tradição mais longe.

Miguel Cabral, responsável de Investigação e Desenvolvimento na Amorim Cork, chegou à empresa no final de 1999 e mergulhou diretamente no olho do furacão. “Recordo-me muito bem desse momento-chave, muito importante, quando aqui cheguei. Havia um ataque significativo à rolha de cortiça e era preciso procurar respostas”.

A resposta não se fez esperar e, nos primórdios do século XXI, criaram-se duas novas fábricas, uma em Coruche (2000) e outra em Ponte de Sor (2001), que introduziam uma forma diferente de trabalhar, onde a inovação teve um papel decisivo, desde as medidas profiláticas ao controlo de qualidade. A prioridade era combater o inimigo público da cortiça, o TCA, e isso fazia-se em três etapas, através de medidas preventivas, curativas e de controlo.

As medidas preventivas, recorda Miguel Cabral, eram relativamente fáceis de implementar em unidades industriais novas como as que acabavam de nascer no Alentejo. Quanto às medidas de controlo, houve uma feliz coincidência, ou um “*timing* perfeito”. Como recorda Miguel Cabral, em maio de 2000 um laboratório americano apresentava em Portugal os resultados de um estudo sobre controlo de qualidade de rolhas de cortiça que não era mais do que uma ferramenta que permitia analisar a presença de TCA de forma objetiva. Em 2001, com base nessa investigação, realiza-se a primeira cromatografia nas instalações da Amorim Cork. “Era extremamente importante para separar o trigo do joio e distinguir os lotes contaminados”, recorda.

Faltavam as medidas curativas, e neste capítulo o sistema ROSA®, um método de extração de TCA desenvolvido e





©DoraMüller

patenteado pela Amorim Cork, foi decisivo na luta contra o TCA: “foi o primeiro passo em frente”, frisa Miguel Cabral, “conseguimos ter lotes muitíssimo mais limpos e uma redução na ordem dos 80%”. Mais à frente, em 2007, o mesmo sistema, até então um exclusivo das rolhas técnicas, é aplicado às rolhas naturais e surge o ROSA Evolution®, com uma redução significativa da contaminação.

Sistemas como o ROSA® permitiram aumentar consideravelmente a credibilidade no mercado, mas ainda era possível ir mais longe. Em 2008, arranca um projeto absolutamente disruptivo que marcaria um antes e um depois na história da Amorim Cork, e na história da indústria de rolhas como um todo. Um investimento sem precedentes em I&D + i levou à implementação, em 2016, de um sistema revolucionário de análise rolha a rolha, o sistema NDtech, que lançava a primeira rolha natural com uma performance de TCA não detetável. Em 2019, a Amorim Cork produziu 57 milhões de rolhas NDtech, e o sistema foi alargado às rolhas de champagne, com o lançamento de NDtech sparkling.

57 milhões é um número impressionante, mas o que acontece às restantes rolhas naturais? Enquanto líder da indústria, a Amorim tem a responsabilidade de desbravar caminho, e isso só é possível através de um compromisso inabalável com a inovação. Não basta eliminar o TCA

de algumas rolhas, é preciso erradicá-lo, e esse foi o compromisso assumido para 2021. “Todas as rolhas técnicas já estão cobertas, agora falta estender esta performance a todas as rolhas naturais”, salienta Miguel Cabral.

Rolhas que prescindem de saca-rolhas

A erradicação do TCA será sem dúvida uma grande conquista, mas a inovação não termina aqui. Como frisa Miguel Cabral, “inovação significa resolver aspetos negativos, mas também desenvolver aspetos positivos.” Um bom exemplo é o sistema Helix, que apresentou pela primeira vez ao mundo uma rolha que prescindia do saca-rolhas, reinventando de forma inovadora o binómio cortiça-vidro. Atualmente, a inovação na Amorim Cork está sobretudo focada em projetos na área da interação vinho-vedante, para perceber de que modo a rolha vai permitir a evolução do vinho ao longo do tempo.

Há duas décadas, quando Miguel Cabral entrou para a empresa, era difícil explicar aquilo que se propunha fazer. “Mas o Miguel vai fazer investigação numa tampa de uma garrafa?” ouvia, com frequência. Passadas duas décadas, o balanço é positivo. “Não imaginamos o que está por trás duma rolha e a importância que a rolha tem na interação com o vinho, nomeadamente, como o pode ajudar a envelhecer de forma equilibrada numa garrafa ao longo do tempo.”

AMORIMCORK FLOORING:

O design thinking como princípio orientador

A Amorim Cork Flooring (ACF) acaba de lançar o Cork Signature, um programa de soluções para pavimentos, totalmente personalizável, que promete revolucionar o setor. Mas a inovação não é uma novidade numa empresa que adota o design thinking como princípio orientador.

“A inovação está no coração do grupo e estende-se a todas as unidades”, afirma Jean-Sebastien Moinier, responsável de Inovação da Amorim Cork Flooring, enfatizando que com a viragem para o novo milénio, a inovação assumiu um papel verdadeiramente central na empresa. “Foi nessa altura que começamos a desenvolver uma nova geração de produtos que respondia muito diretamente às necessidades emergentes do mercado e às expectativas dos consumidores”. “O processo de inovação começa sempre por perceber aquilo que as pessoas procuram e quais são as tendências do

mercado”, continua Jean-Sebastien Moinier. “Aquilo que verificamos é que existe uma grande preocupação com o conforto doméstico, que é cada vez mais importante. Se quisermos resumir, trata-se de encontrar soluções sustentáveis para as pessoas, mas também para o planeta. E é aqui que a nossa estratégia está focada: ser a empresa de revestimentos líder em termos de sustentabilidade, porque os nossos produtos são fabricados a partir desta matéria-prima com credenciais de sustentabilidade únicas que é a cortiça”, sublinha Jean-Sebastien Moinier. A sustentabilidade é obviamente uma preocupação dos consumidores, mas a saúde também, nomeadamente, a qualidade do ar interior. E aqui a cortiça faz toda a diferença. O impacto climático causado pelas nossas escolhas é muito relevante, e a maneira como podemos utilizar os materiais num contexto de economia circular torna-se fulcral para as empresas. “A cortiça tem aqui um legado único: é natural, renovável, reciclável e não traz qualquer elemento químico aos nossos ambientes” explica o responsável de Inovação da Amorim Cork Flooring. “Quando olhamos para esta tendência de mercado, temos de traduzi-la em soluções para pavimentos e paredes, e é isso que fazemos. Passo a passo, seguimos esta viagem *cradle to cradle*, que se inicia na escolha dos materiais chamados saudáveis”.

A inovação invisível

O segredo está em olhar para a inovação a partir de uma outra perspetiva: “estamos habituados a pensar na inovação como uma coisa visível, o último avião, o último *smartphone*. Mas a inovação é algo de muito pragmático. Pode ser invisível. Pode estar dentro do produto. Aquilo que está dentro do produto será significativo, muito valorizado pelo consumidor”. O segundo pilar da inovação para a Amorim Cork Flooring está realmente focado no produto, que deve trazer benefícios claros, ser fácil de usar, e, como refere Jean-Sébastien Moinier, ser basicamente uma “solução sem problemas”. Isto é, durável, de fácil manutenção, e resistente às vicissitudes do uso doméstico ou ao peso do contexto *contract*.

No processo de desenvolvimento de produto, que une engenheiros, designers e *project managers*, os *inputs* dos consumidores, que interagem com os produtos, são fundamentais: “temos de definir para onde queremos caminhar, e

passo a passo iremos atingir o sucesso. Não basta olhar para o *standard*. É importante estar perto dos usuários, passar tempo com eles, para que haja esse intercâmbio, e para que possamos interpretar e traduzir as suas necessidades. A relação com os usuários é parte do processo de inovação”. O próximo passo nesta cultura de inovação é precisamente a adoção desta metodologia de *design thinking*, que, observando as pessoas e os seus comportamentos, leva à solução que realmente precisam. Neste sentido, a customização é o futuro, mas o presente também, e por isso a Amorim Cork Flooring desenvolveu o programa de pavimentos Cork Signature que permite 17 mil combinações diferentes, a partir de cores, formas, acabamentos, e até formas de instalação. O resultado é uma solução realmente personalizada, criando espaços únicos à medida das pessoas. Em desenvolvimento está a versão deste programa para as soluções de paredes, o programa Dekwall Signature, e também uma nova solução *eco-friendly* para a categoria LVT – Luxury Vinyl Tile, no segmento de luxo.

AMORIM CORK COMPOSITES:

Nem o céu é o limite

A inovação está na génese da Amorim Cork Composites (ACC), cujas raízes remontam a 1963, altura em que é criada uma unidade vocacionada para a produção de granulados e aglomerados de cortiça, a partir dos desperdícios da indústria de rolhas. Estava aberto o caminho para a descoberta de um conjunto de novas aplicações para a cortiça. Com uma sólida cultura de inovação, esta unidade precursora já demonstrou que para a cortiça, nem mesmo o céu é o limite.

Visível, implícita, no exterior ou no interior, a cortiça está presente nos lugares mais inesperados e nos produtos mais incríveis, e se há empresa que conhece essa realidade de perto é a Amorim Cork Composites. A cultura de inovação está-lhe nos genes e o melhor desafio é sempre o desafio que se segue. Atualmente, a ACC opera em 25 segmentos de negócio diferentes, fornecendo materiais a algumas das

indústrias mais exigentes e avançadas do mundo, em setores tão diferentes como o aeroespacial, o da construção ou as superfícies desportivas, para mencionar apenas alguns.

“Somos uma empresa que procura constantemente novas aplicações para a cortiça, sempre acrescentando valor à nossa matéria-prima”, explica Eduardo Soares, diretor de Inovação da ACC. “Desenvolvemos muitos projetos incrementais, respondendo diretamente às necessidades do mercado, e depois outros, mais disruptivos e pioneiros”. Em ambos os casos, o desenvolvimento de produto e o conhecimento das aplicações são uma peça-chave.

“Na realidade, a nossa concorrência não se centra geralmente noutros produtos e noutras empresas de cortiça, mas sim em tipologias de materiais totalmente diferentes” sintetiza Eduardo Soares. “Nós tentamos levar a cortiça para outras variadíssimas áreas, encontrar novas aplicações, e por isso a inovação aqui é fundamental.” Desde logo, porque é um processo que envolve muito conhecimento e uma área técnica extremamente competente, capaz de dar resposta a múltiplas áreas de negócio, cada uma com as suas características, as suas particularidades e os seus desafios. “É muito aliciante para quem cá trabalha, porque não há dois dias iguais, e lidamos com desafios que vêm de diversos sectores e fileiras tecnológicas” resume o diretor de Inovação da ACC.

Gerador de ideias

Pelo seu posicionamento na vanguarda, e pelo portfólio de materiais inovadores na área dos materiais, a ACC é justamente percecionada como líder. É uma espécie de gerador de ideias que lança no mercado novos conceitos disruptivos, com um risco maior associado (30% dos projetos, de acordo com o responsável), ou responde diretamente a pedidos de clientes, focando-se em lacunas concretas que precisam de ser preenchidas (70% dos projetos). Em 2020, uma das grandes apostas da Amorim Cork Composites é a aplicação da cortiça em parques infantis. A necessidade estava identificada: criar parques infantis que fossem seguros, sustentáveis e acessíveis, e a resposta foi o Corkeen by Amorim, um projeto que não existiria sem inovação. “Corkeen by Amorim é o grande tema deste ano, desenvolvemos e patenteamos uma primeira versão que está no mercado, e desenhamos um modelo de negócio que

estamos a implementar em vários países”. Paralelamente, duas áreas em grande desenvolvimento são as dos *underlays* dos *underscreeds*, dentro da temática da economia circular. Como elucidada Eduardo Soares, “o *underscreed U38* oferece uma performance *premium*, claramente de topo da pirâmide, recorrendo a materiais reciclados e à cortiça, e por isso é natural que a receptividade do mercado seja tão encorajadora”. O tema dos formatos dos materiais é outro dos grandes vetores de inovação na ACC. Para responder a este desafio que possibilita o desenvolvimento de novos produtos suscetíveis de substituir em grande parte a utilização de plásticos tradicionais, a ACC desenvolveu o programa de materiais Extrucork. Isto é, compósitos de cortiça com biopolímeros, que permitem que a cortiça seja injetável, extrudível, moldável e termoformável, criando formas nunca antes alcançadas e abrindo portas para mais aplicações. O ímpeto inovador da ACC é tão forte que num mundo perfeito a empresa estaria a desenvolver produtos novos todos os dias. Para estimular ainda mais esta capacidade de inovar, desenvolver materiais diferenciados e testá-los, a ACC inaugurou, em Outubro de 2018, a *i.cork factory*, uma fábrica-piloto para a inovação que funciona como laboratório e espaço de experimentação por excelência, tanto para novos compósitos como para tecnologias pioneiras. “A *i.cork* nasce com o objetivo claro de acelerar a nossa capacidade de desenvolver materiais e testar novas tecnologias para esses novos materiais ou para renovar os nossos processos atuais.

***i.cork factory*: fábrica, laboratório e centro de testes**

Num ambiente misto entre uma fábrica, um laboratório e um centro de testes, com espírito claro de *hands-on*, prototipamos os materiais do amanhã e podemos produzir pré-séries com os novos processos que queremos escalar para as nossas operações”, sumaria Eduardo Soares. Na sua génese, a ACC surge para valorizar desperdícios de cortiça transformando 70% dos derivados da produção de rolhas em grânulos, e estes em valiosos aglomerados com os quais quer dar novos usos à cortiça. E esse modelo, inscrito no código genético da empresa, está mais forte do que nunca. “A economia circular é um eixo central na ACC”, salienta Eduardo Soares. “Utilizamos esse conhecimento que temos da economia circular na indústria da cortiça para ir buscar materiais que

não são aproveitados noutras indústrias e dar-lhes uma nova vida.” Exemplo disso é um “projeto estruturante” em parceria com a Nike, em que a ACC incorpora materiais reciclados para criar novos compósitos com inúmeras aplicações num exemplo claro de simbiose industrial.

A questão da sustentabilidade é obviamente central, e numa altura em que grande parte das soluções lançadas pelo setor dos plásticos se tornam obsoletas, a cortiça constitui uma excelente alternativa. “Para vários setores da indústria, a cortiça representa a natureza, e transportar essa natureza às nossas aplicações mais correntes é cada vez mais o caminho,” remata Eduardo Soares.

AMORIMCORKINSULATION:

A construir as cidades do futuro

Na Amorim Cork Insulation (ACI), a inovação é um conceito dinâmico, que acompanha os desafios colocados por quem está na linha da frente: arquitetos, engenheiros e paisagistas. De produtos icónicos na área da construção sustentável, como o MDFachada, às novas soluções para relvados naturais, passando pelas fachadas verdes das cidades do futuro, a cortiça mostra a sua face mais inovadora.

Desde a criação da primeira unidade da Amorim Cork Insulation, em Silves, em 1967, aos dias de hoje, muita coisa mudou na forma como vivemos, construímos e habitamos. A arquitetura de referência já não é concebível sem uma perspetiva de sustentabilidade e a procura de materiais e soluções de construção sustentável já não parte apenas dos projetistas, mas também do consumidor final.

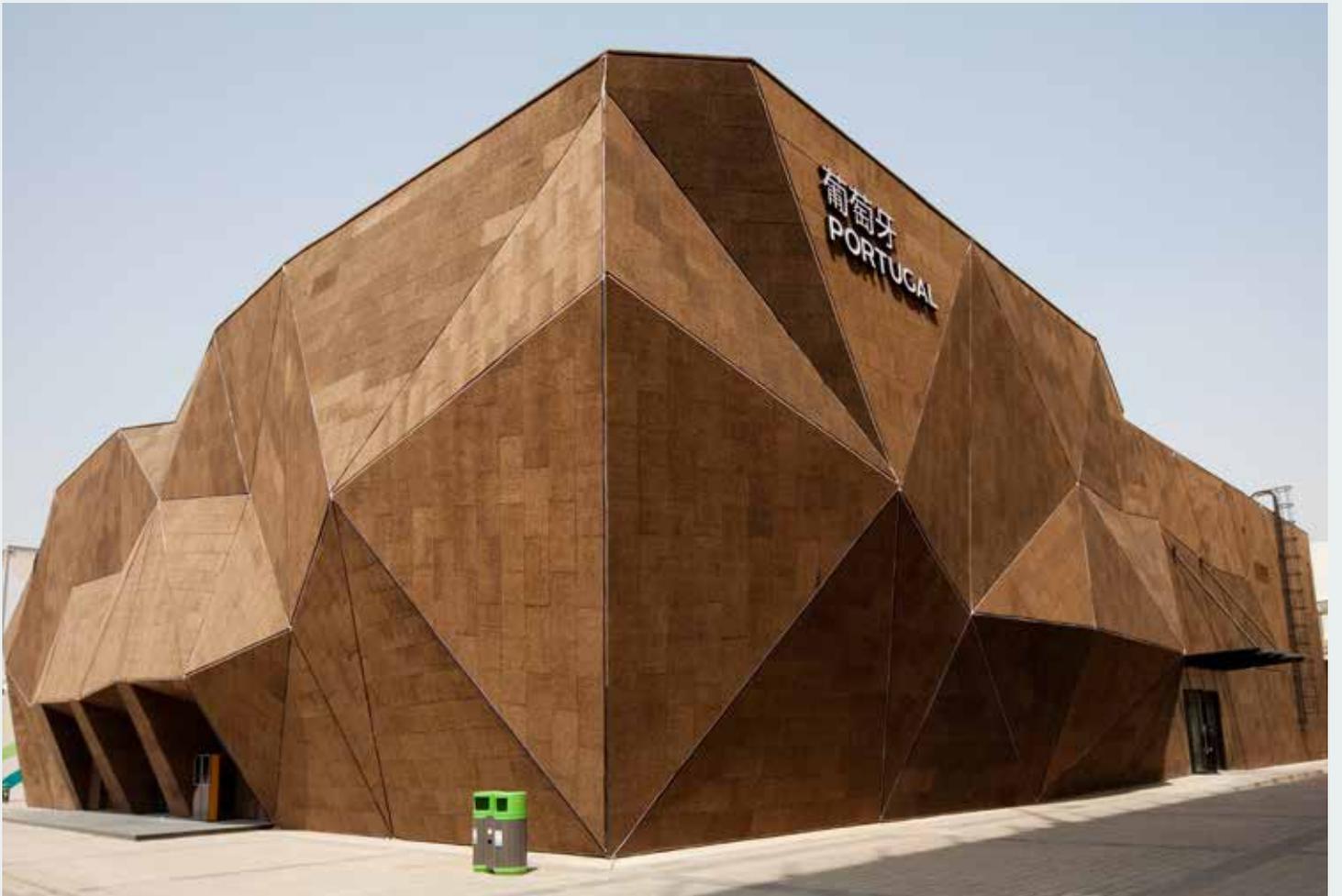
De resto, a inovação surge como uma resposta aos desafios que o mercado coloca desde a fundação da Amorim Cork Insulation, como explica Carlos Manuel, CEO da empresa: “o nosso conceito de inovação é um conceito dinâmico, o que significa que estamos sempre atentos ao que o mercado necessita.” Neste sentido, os pedidos específicos dos arquitetos são muitas vezes o motor da inovação na Amorim Cork Insulation.

É neste contexto que surge em 2000 um produto completamente inovador

desenvolvido por esta unidade, e que se tornaria um dos ícones da Amorim Cork Insulation: a solução MDFachada. Trata-se de uma aplicação inovadora, em que a cortiça fica bem visível, no exterior dos edifícios, e surge como uma resposta ao projeto desenhado pelos arquitetos Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura para o Pavilhão de Portugal na Expo 2000 em Hannover, na Alemanha. Em 2012, os ponteiros da inovação voltam a afinar-se. O mercado pede novas soluções, com um maior relevo para a utilização de cortiça no design de interiores, e a Amorim Cork Insulation responde com produtos que permitem dar um uso mais decorativo, e personalizado à cortiça. Tais produtos, sublinha Carlos Manuel, destinam-se ao mercado global: Portugal, países europeus, com destaque para a Itália, que historicamente está na vanguarda do design, e territórios asiáticos. Os arquitetos e projetistas exploram todo o potencial do material, investindo em padrões personalizáveis e desenhos à medida.

Corksorb, uma resposta ao desastre ambiental

Mas a inovação na Amorim Cork Insulation vai muito para além dos domínios da arquitetura e do design de interiores. A empresa procura constantemente novas soluções que expandam as possibilidades da cortiça, contribuindo, simultaneamente, para proteger o planeta. Neste sentido, o produto Corksorb, desenvolvido para mitigar os derrames de hidrocarbonetos nos oceanos, provocados por grandes navios petrolíferos, surge como uma resposta a um desastre ambiental. Como realça Carlos Manuel: “felizmente a situação que esteve na génese da aplicação hoje já não existe, porque a legislação obriga essas embarcações a terem casco duplo. No entanto, a solução Corksorb continua a cumprir a sua função absorvente numa escala diferente: aplicada a indústrias onde se verificam fugas de óleo e outros hidrocarbonetos”. Pelas suas características, a cortiça absorve apenas o crude, não a água, e tem a vantagem de depois poder ser comprimida para recuperar o crude, ou seja, tem a possibilidade de ser reutilizada. “Há um conceito – neste caso a utilização de granulados de cortiça expandida para absorver materiais indesejados – e depois existem variações, adaptadas às necessidades do mercado”, realça o CEO da Amorim Cork Insulation. A aplicação de práticas da economia





circular no seio da Amorim Cork Insulation também produziu importantes resultados em termos de inovação. Exemplo disso é o aproveitamento do subproduto do processo de produção e reciclagem em novas soluções para relvados naturais. Esta solução inovadora vem substituir a tradicional turfa, reduzindo substancialmente o consumo de água e contribuindo para reduzir em 40% as lesões dos jogadores. Sustentabilidade e segurança são dois conceitos-chave numa solução que foi adotada durante o Europeu de 2016, e é usada em Espanha, nos campos de treino do Real Madrid. Este tipo de aplicação também pode ser usado nas coberturas ajardinadas de edifícios, constituindo-se como uma solução sustentável, melhorando a qualidade do ar e potenciando o conforto térmico. “É uma forma inovadora de valorizar um produto reciclado que se integra perfeitamente no conceito de economia circular”, conclui Carlos Manuel.

AMORIM FLORESTAL:

No princípio era o sobreiro

Toda a inovação traz o futuro para o presente, e na Amorim Florestal o amanhã semeia-se hoje. Lançado em 2013, o Projeto de Intervenção Florestal (PIF) é o pilar de inovação florestal da unidade, e assenta na I&D para garantir que teremos mais e melhor cortiça. Duplamente focado nas áreas da investigação científica e da produção florestal, este ambicioso projeto começa a dar os primeiros frutos, integrando inovação e visão de maneira exemplar.

No princípio, a matéria-prima. A cortiça é a base de toda esta indústria, e, por isso, para pensar o futuro é preciso regressar à origem de tudo, o sobreiro. Enquanto líder da indústria, a Corticeira Amorim é a entidade que mais sabe de cortiça no mundo. O desafio para os próximos tempos é tornar-se a entidade que mais contribui para o desenvolvimento e o conhecimento do sobreiro. E todos os passos estão a ser dados nesse sentido. Como explica Francisco Carvalho, administrador da Amorim Florestal: “assumimos a liderança nesta área. Não creio que ninguém tenha

simultaneamente dimensão, capacidade financeira e visão para o fazer”. Lançado em 2013, o Projeto de Intervenção Florestal surge, então, como uma resposta aos desafios que os fatores bióticos e abióticos colocam ao montado de sobreiro, para melhorar o futuro do setor da cortiça. Em grandes traços, o objetivo do PIF é, através da investigação científica, *trabalhar* o sobreiro e a sua biotecnologia de forma a que a produção de cortiça consiga no futuro acompanhar, quer em termos de qualidade quer em termos de quantidade, o crescimento previsível do mercado. A meta é plantar 50 mil hectares de sobreiros nos próximos dez anos, um aumento de 7% da área de plantação, que permitirá um crescimento de 35% da produção de cortiça. Esse salto só é possível com inovação.

Antes de conceber o projeto, os responsáveis da Corticeira Amorim fizeram uma análise profunda do contexto para perceber quais eram as áreas que precisavam de maior intervenção e o que podia ser feito, a curto e médio-longo prazo. “Tínhamos à nossa frente um cenário em que o mercado exigia cada mais e melhor cortiça, e o que obtínhamos da floresta estava em contraciclo, numa permanente degradação qualitativa e quantitativa. Durante alguns meses, andámos no terreno, a conhecer e a estudar outras realidades e a perceber as suas dinâmicas, identificando as áreas em que podíamos ter uma intervenção”.

Cuidar do presente e construir o futuro

Desde o início, ficou claro que a estratégia teria de se desdobrar em duas vertentes principais: cuidar do presente e construir o futuro, tendo por base a investigação científica e a transferência de conhecimento. Rapidamente são estabelecidos protocolos com várias instituições académicas e científicas, em Portugal (Universidade de Évora, Universidade Católica Portuguesa, e ISA, entre muitas outras) e no estrangeiro (CSIC, Generalitat de Catalunya) com o objetivo de ampliar o conhecimento do sobreiro, em vários domínios complementares. Paralelamente, inicia-se o trabalho no terreno, junto dos produtores florestais, com o objetivo de implementar e testar novas metodologias e abordagens e injetar uma nova dinâmica no setor. O projeto desenrola-se em três fases: a primeira foca-se na investigação científica e na biotecnologia para produzir

conhecimento sobre o montado, o sobreiro e as suas pragas. A segunda fase passa por testar esse conhecimento e *know-how* no terreno, nas plantações da Corticeira Amorim e em parcerias. A terceira fase consiste em alargar esse conhecimento, partilhando-o com outros produtores florestais para que instalem montados mais robustos e rentáveis seguindo as novas metodologias.

A redução do primeiro ciclo de extração da cortiça era o objetivo mais imediato. Através de metodologias inovadoras na área do sobreiro, como a irrigação gota a gota num período inicial limitado e a micorrização (associação simbiótica do sobreiro a um fungo que o torna mais resistente e robusto), já foi possível antecipar a primeira extração. A densidade dos povoamentos de sobreiros é outro dos pontos da agenda em estudo, bem como a sequenciação do genoma, o melhoramento do sobreiro e o combate a pragas e doenças, como a cobrilha, sendo que a investigação é testada no terreno, quer em povoamentos novos, quer através da monitorização de povoamentos instalados no início do PIF, quer ainda em sobreiros adultos. De resto, como explica Nuno Ribeiro, professor do Departamento de Fitotecnia da Universidade de Évora, atualmente trabalham-se modelos matemáticos que combinam vários fatores e que poderão ser uma ferramenta preciosa para produtores florestais.

A parte mágica da visão de longo prazo

São passos indispensáveis para alcançar grandes conquistas. A estratégia é progressiva e existe sempre um diferimento inevitável entre aquilo que está a fazer-se e os resultados. O facto de o sobreiro ser uma árvore de crescimento lento coloca desafios muito particulares. É preciso saber esperar para ver e medir os resultados. O facto de a Corticeira Amorim ter esta visão a longo prazo, com protocolos de vários anos, é, segundo Nuno Ribeiro, “a parte mágica”, pois permite aos cientistas trabalharem com um horizonte muito confortável. Apesar do tempo necessário, em apenas sete anos são notáveis os progressos. O projeto Regagork, implementado em 2003, e que permitiu a primeira extração de cortiça virgem aos 12 anos, ou a sequenciação do genoma do sobreiro, realizada através do consórcio Genosuber, são disso exemplos.

“Quando não há espírito de sacrifício não há paixão”

São 90 anos de história que ligam a família Cardoso à Amorim. De Mesão Frio para Meladas, da quinta para as fábricas, passando pelo bairro. Memórias de bailaricos, de desfolhadas e de excursões. Décadas de muito trabalho e dedicação. “Uma vida em família”, bem grande, diga-se de passagem. Uma família que, com orgulho todos descrevem, esteve “sempre unida”.

Para contar a história da família Cardoso temos de regressar às suas origens. Ir Douro acima, até Mesão Frio, Vila Real. É lá que, no ano de 1970, numa das visitas de negócios à pequena vila, José e Joaquim Amorim descobrem Manuel Pinto Cardoso e Ermelinda Lopes. Manuel e Ermelinda “faziam terrenos, nas quintas de senhores que vendiam cortiça para a Amorim”. José e Joaquim procuravam caseiros para a quinta da família, em Meladas. Assim avançou “o combinado” que viria a mudar o rumo da família Cardoso para sempre. Nesse mesmo ano, Manuel e Ermelinda deixam Mesão Frio com “os filhos caçula, que ainda não trabalhavam”: Fernando, Joaquim, António, Celestino e Francisco. Para trás ficam outros quatro, Idalina, Alice, José Luís e José Manuel, que em breve se juntariam a eles, por esta ordem. Foi esse o acordo, não se sabe se “por escrito ou apalavrado”: os Cardoso vinham para Meladas na condição de “trazerem os filhos casados e solteiros”, que iriam ajudar no campo, “mas teriam de ter trabalho nas empresas da família Amorim”. E assim foi. Nos primeiros anos da década de 70, à exceção de Celestino e de Francisco, todos os filhos rapazes de Manuel Cardoso e Ermelinda Lopes e os dois genros, Zé, casado com a Alice, e Manuel, casado com a Idalina, arranjam trabalho nas fábricas. Um atrás do outro, foram quase todos

parar à Corticeira Amorim, atualmente denominada Amorim Cork Composites. Só Fernando e António ficaram na Unidade de Revestimentos, atual Amorim Cork Flooring. José Almeida, um dos genros de Manuel e Ermelinda, trabalhou na Corticeira Amorim durante 37 anos. “Era o senhor da serra” e “também sapateiro do pessoal”. António Martins Pereira, o segundo genro, trabalhou outrossantos na trituração. José Luís, um dos filhos mais velhos, operava “a prensa do BL2, na altura chamavam-lhe prensa dos blocos”. Ficou quase quatro décadas na empresa, até ir para a reforma. Também na Corticeira Amorim, o irmão, José Manuel, hoje com 74 anos, fez um pouco de tudo. “Trabalhei desde a entrada do portão até ao fundo da fábrica”. “Ainda hoje tenho amizades de lá”, refere. Amizades de um tempo onde “a mentalidade e o espírito eram outros”. “Era outra vida. Uma outra vida onde trabalhava-se muito.” Ainda assim, “na quinta trabalhava-se mais”, prontamente acrescenta José Manuel. “Chegamos a ter 23 bois”, refere com orgulho. Os Cardoso “trabalhavam na fábrica e, no final do horário laboral, iam para a quinta”. Ermelinda e o Sr. Manuel da quinta, como era carinhosamente conhecido Manuel Cardoso na terra, não tinham salário, mas usufruíam de tudo o que a quinta lhes dava. “Podiam ter o gado que quisessem” e ganhavam com a venda dos animais e da

fruta. Assim estiveram “nove, dez anos”, até que, com a chegada da velhice, “já não podiam fazer os campos” e foram viver para casa da filha Idalina, no bairro Amorim. Memórias felizes da quinta são “todas”, diz José Manuel enquanto sorri. “Conhecemos os filhos da Dona Margarida, da Dona Luzia, do Sr. Américo... iam para lá todos e a gente lidava com eles”. Laurinda, mulher de José Manuel, recorda que “eram bons tempos, principalmente para as crianças”.

As memórias da terceira geração

Crianças foi coisa que não faltou na família Cardoso. O clã de nove filhos deu origem a duas mãos cheias de netos. Mais de uma dezena de primos Cardoso criados na quinta de Meladas. Embora, aos poucos, os Cardoso tenham passado “a ter as suas casinhas no bairro Amorim”, as memórias mais marcantes foram passadas na quinta de Meladas”, afirma Luís Cardoso, filho de José Manuel. “Vinha-se dormir a casa, mas a vida era toda feita na quinta”, recorda. No caso do Luís, a afirmação não podia ser mais verdade pois, há 48 anos, foi esse o local onde nasceu. “Já não houve tempo para ir para o hospital de Oleiros”.

Teresa e Ana Paula, filhas de Idalina Cardoso, recordam a infância na quinta com “muitas saudades”. “Fazia-se de tudo, belos tempos”, recorda Ana Paula. Teresa, hoje com 49 anos, tem imagens vívidas desses tempos. “Andar



Da esquerda para a direita: Teresa Cardoso; João Pedro Cardoso; Maria do Céu Cardoso; Isabel Cardoso; Ana Paula Cardoso; Luís Cardoso

a puxar os bois com as carroças e o meu avô a dizer – segura aí, não te mexas! – e eu com a varinha na mão e eles quietinhos. Apanhar morangos silvestres... tempos bem vividos e a família sempre unida”, conclui. Por sua vez, João Pedro, filho de José Luís Cardoso, lembra-se da avó “a vender fruta” e “de ir jogar futebol para um campito que a gente lá tinha”.

Já Isabel, filha de Alice Cardoso, e Ivo, filho de Fernando, não têm grandes memórias. São dois dos primos mais novos. Mas o que falta em recordações a Isabel, sobra a Maria do Céu, a sua irmã mais velha. “Tenho muitas memórias! Nas férias da escola o meu avô colocava-nos com uma lata e um pauzinho a espantar os pássaros no campo de milho. Lembro-me dos carros de bois, dos porcos... íamos com ele apanhar erva em cima do carro de bois, todos consolados. Fazíamos as desfolhadas. Aqui na zona as pessoas iam ajudar”.

A Tininha, as excursões e os bailaricos

Embora ninguém da família Amorim vivesse lá na quinta, o local “era um ponto de concentração”. Estava sempre cheio de gente. “Ofereciam a quinta a colónias”, aos “missionários”. “Todos os anos organizavam-se excursões da 3ª idade. Era cada festa de arromba que faziam ali. A Tininha punha a quinta para eles. Era bailaricos... nós ainda nos lembramos disso. Nós participávamos em tudo”. Tininha era uma das irmãs Amorim, de seu nome Albertina, a irmã do meio, uma figura saudosamente acarinhada pelos Cardoso. Com “a menina Tininha, manteve-se sempre uma relação muito próxima enquanto ela foi viva”, conta Maria

do Céu. “Eu gostava muito dela e ela de mim. Tenho saudades, tenho muitas saudades”, recorda Ana Paula. Da dezena de primos Cardoso criados na quinta, nove acabaram a trabalhar na Amorim Cork Composites (ACC). Hoje trabalham lá sete: Luís, Teresa, Ana Paula, Maria do Céu, Isabel, João Pedro e Ivo. Estão dispersos pelas diferentes áreas da fábrica.

Maria do Céu é rececionista, mas dentro da empresa já fez um pouco de tudo. Entrou na Amorim com 17 anos, está há 32 na empresa. “Antigamente não trabalhavam aqui senhoras, as poucas que trabalhavam eram senhoras de idade, coziam sacos de granulado. Quando abriram o pavilhão das juntas foi quando começaram a colocar mulheres. Éramos conhecidas como as meninhas novas, era o setor mais jovem da Corticeira”, recorda com saudades.

Foi também nas juntas que começou a prima Ana Paula. Hoje está “na montagem de *memo boards*”. Veio para a ACC com 19 anos, “para ter os direitos”, hoje tem 48. “Todos os momentos que passo ali dentro são especiais para mim, eu gosto de trabalhar, gosto de fazer aquilo que faço, todos os dias aprendo coisas novas”. No mesmo setor da empresa encontramos Isabel e Teresa. Isabel é *team leader* da área. Tem 44 anos e está no grupo há 26 anos. Sobre trabalhar com familiares tem uma filosofia simples: “dentro da empresa não há primos nem tios, há colegas de trabalho”. A prima Teresa está no setor há 32 anos. “Qualquer dúvida é comigo que vêm falar”. “Gosto muito do que faço, isto é a minha praia”.

“Vai ficar para a vida, ...”

Do lado dos rapazes, encontramos Luís Cardoso, de 46 anos. “Eu dizia sempre que não queria vir para aqui, não queria vir, mas em 95, quando regressiei do serviço militar, vim cá a uma entrevista e acabei por ficar”. Está na ACC há 25 anos. “Neste quarto de século, recorda alguns momentos difíceis, como o ano de 2009. “Foi quando vim para responsável de produção e foi quando tivemos aquela crise mundial. Uma altura em que “entrava às 6 da manhã e saía de noite”. Ainda assim, acredita que “quando não há espírito de sacrifício, não há paixão”. E é exatamente essa paixão que Luís acredita ser o segredo dos 150 anos do grupo. João Pedro, de 48 anos, começou a trabalhar na ACC com 14. Saiu e voltou em 1994. “Estive nos cilindros, depois fui para as prensas, corri praticamente a fábrica toda e agora sou motorista”. Ivo é quem está há menos tempo na fábrica. “Tenho 30 anos, sou quase de outra geração”. Começou na unidade de revestimentos, mas, em 2005, juntou-se ao resto da família. Trabalha no turno da noite, “na laminagem de blocos”. Ao longo de várias décadas de trabalho “mudou muita coisa” na ACC, todos concordam. “A dimensão da fábrica”, destaca João Pedro, e “a segurança, que tem sido cada vez mais reforçada”, acrescenta. Maria do Céu sente falta “da união” e da “cumplicidade entre colegas”. “Vai ficar para a vida, são muitos anos a trabalhar numa empresa”, conclui Isabel. Hoje em dia, os Cardoso reúnem-se religiosamente uma vez por ano, no verão. “Há casamentos com menos gente”, diz Maria do Céu. Este ano o vírus estragou os planos.

Taboadella: na vinha do Dão, como na vida

Raízes romanas, tradição e futuro. Vinhos que são o reflexo de um lugar, inspirados na ancestralidade da vinha e na sua tipicidade intrínseca. Na Quinta da Taboadella, no coração do Dão, acaba de nascer um projeto vitivinícola de excelência, o primeiro da família Amorim na região.

40 hectares de vinha, solos graníticos cheios de carácter. Vinhas ancestrais, um legado único, a essência de um tempo e de um lugar. Paixão pelo vinho, conhecimento e audácia, e a vontade de criar um projeto de referência numa região vitivinícola muito especial – a primeira região demarcada de vinhos tranquilos em Portugal e o berço da casta Touriga Nacional – que produz vinhos de perfil clássico, que perduram no tempo. Estes são os ingredientes reunidos por Luísa Amorim para liderar a Taboadella, o mais recente projeto vínico do grupo e a primeira incursão da família Amorim na região do Dão. “O Dão é para nós uma das regiões mais emblemáticas e promissoras do país, berço de grandes vinhos de perfil clássico e enorme longevidade, um território único que não só demonstra todo o potencial da Touriga Nacional e do Encruzado, mas também de outras castas tradicionais portuguesas”, resume Luísa Amorim. Para a Taboadella, o objetivo é “abraçarmos mais um projeto de qualidade, e sermos uma referência no Dão”.

Regendo-se pelo mesmo objetivo, o de produzir vinhos excecionais, capazes de revelar a cultura e a essência de um lugar, o projeto da Taboadella beneficia da experiência acumulada pelo grupo na Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo, no Douro: “São duas regiões completamente diferentes e vimos para o Dão com um projeto novo. A grande diferença é que ganhamos 20 anos de experiência. É esse *know-how* e *expertise* que podemos aplicar aqui”, refere Luísa Amorim.

A Taboadella é um projeto vínico de exceção que inclui também uma vertente de enoturismo. Na Wine House, construída

no antigo celeiro, é possível marcar uma visita à adega, fazer uma prova de vinhos e comprar os vinhos a preço de produtor e alguns produtos gourmet da região. Em 2021, estará pronta a Villae 1255, uma casa senhorial típica do Dão com apenas 8 quartos e design de interiores de Ana Vale. Nesta casa de família, tudo foi pensado ao pormenor para proporcionar uma experiência singular de um lugar, uma paisagem e uma cultura, em colaboração com artistas e artesãos locais.

Vinhos de altitude, cheios de frescura, leveza e transparência

A Taboadella integra, então, uma mancha contínua de 40 hectares de vinha, marcada por um planalto triangular que se desenvolve entre as cotas de 400 a 530 m. Esta vastidão e imponência, que se abarca num só olhar, a partir da varanda adega, causam um primeiro impacto impressionante. A propriedade caracteriza-se por encostas suaves pendentes para o quadrante Sudoeste, com uma exposição solar privilegiada a sul e poente. O maciço montanhoso protege a vinha da massa de ar marítimo do Atlântico e dos ventos agrestes de Espanha, resultando num clima de transição entre o marítimo e o continental aparentemente temperado. À semelhança de outros *terroirs* de grandes regiões vitivinícolas no Mundo, a Taboadella beneficia de uma enorme interação entre o sub-solo granítico e a topografia do lugar. Durante os meses de verão, as elevadas temperaturas que se fazem sentir na Taboadella, um pouco acima das do resto do Dão, aliadas à drenagem (um “enxugo” das águas trazidas pelas chuvas,

aproveitando a inclinação das encostas) e a frescura do solo, permitem uma evolução de maturação lenta e homogénea, dando origem a grandes vinhos.

A vinha tradicional não é regada, perpetuando a qualidade ancestral e a tipicidade das 25 parcelas em modo de produção integrada, caracterizadas por uma densidade média de 3500 plantas por hectare. Este *terroir* excepcional produz vinhos de altitude, cheios de frescura, leveza e transparência, que exprimem toda a elegância do Dão.

É destes solos graníticos, leves e permeáveis, mas apinhados de energia, que nascem vinhos cheios de carácter. Os Villae são vinhos de lote sem madeira, intensos e delicadamente perfumados. Partindo das castas clássicas (a branca Encruzado, tão característica da região, mas também as tintas Jaen, Alfrochero e Touriga Nacional), os Monovarietais Reserva revelam inequivocamente a sua origem, em vinhos singulares e personalizados. Os Grande Villae são a expressão máxima da alma romana da Taboadella, um tributo à sua ancestralidade.

Alma Romana

Grandes vinhos nascem de lugares irrepetíveis e a Taboadella não é exceção. Aqui vinha e vinho têm raízes ancestrais e um sentido cultural profundo. “Senti algo diferente quando cheguei aqui e vi este penedo monolítico que mais tarde me explicaram ser um lagar de vinho romano, pelos vistos de natureza rupestre e que, segundo os investigadores, é um dos vestígios mais antigos de vinificação no Dão,” explica Luísa Amorim. “Na



Taboadella sentimos a alma deste lugar, de quem passou por aqui e deixou um legado, como se fosse um caminho já trilhado. Neste pedaço de terra, este ambiente inigualável respira-se todos os dias, e na verdade é o que realmente nos inspira.” O lugar da Taboadella herda uma Villae Romana, com um enquadramento ímpar junto à Ribeira das Fontainhas, uma propriedade da classe rural alta, constituída por casa, adega, celeiro e outras pequenas construções. Mais tarde, na época medieval, as referências históricas da Taboadella remontam a 1255, com as casas da propriedade aconchegadas numa floresta mista de pinho, carvalho e castanheiro, rodeadas por um jardim secular que se estende às parcelas de vinha. A partir deste legado, cria-se um projeto de futuro que abraça o melhor da enologia contemporânea. A adega, projetada pelo reputado arquiteto Carlos Castanheira, apresenta um desenho simples e funcional, com dois edifícios interligados entre si — a nave das barricas e a nave de vinificação por gravidade — num total de 2500 m² perfeitamente enquadrados no planalto da floresta. Os materiais escolhidos — madeira e cortiça — são um tributo à natureza, origem do vinho e da rolha, e integram magnificamente o conjunto na envolvente. Ao mesmo tempo, o dourado da madeira da estrutura e o revestimento a cortiça assumem um caráter ecológico e sustentável. Da ampla varanda observa-se a casa da Taboadella e é possível abarcar num só olhar a magnífica mancha única de vinha, como quem desfruta de um grande vinho.

Enologia de precisão

É nesta adega por gravidade que se desenvolve uma enologia de precisão, ao nível do que melhor se faz no mundo dos vinhos. A estrela da adega é o desengaçador/ esmagador Pellenc que por vibração mecânica permite retirar a quantidade de grainha desejada, com o objetivo de vinificar vinhos com um perfil mais suave, evitando taninos mais angulares. Este equipamento acoplado com o esmagador centrífugo controla a intensidade do desengace por calibre dos bagos, separando os mais secos e verdes, que efetivamente não se encontram na perfeita maturação. Outra das novidades da adega são as 11 cubas de cimento, que exprimem notas florais e texturas mais finas e profundas. “É uma adega do século XXI, uma adega de topo que nos permite utilizar a técnica no bom sentido, com uma seleção criteriosa e vinificação por gravidade”, explica Luísa Amorim. Quem visitar a Taboadella poderá testemunhar parte desse processo, caminhando num passadiço sobre a sala das barricas, com capacidade para 500 barricas de carvalho francês. Como uma escultura suspensa, o Barrel Top Walk é uma obra de arquitetura inovadora que permite visualizar o ambiente onde o vinho repousa, interagindo no espaço de uma forma natural e autêntica, respeitando a estrutura e amplitude dos grandes vinhos, fazendo com que ganhem a sua própria expressão no tempo. Uma visão única, e contemplativa, para um projeto singular.



Estrutura Residencial para Idosos António Ferreira Amorim

No início deste ano, em Santa Maria de Lamas, foi inaugurada a Estrutura Residencial para Idosos António Ferreira Amorim. A Associação Bem-Estar é a instituição de solidariedade social responsável pelo projeto.

O nome atribuído ao recém-inaugurado edifício tem como objetivo agradecer o apoio concedido pela Corticeira Amorim, através da Fundação Albertina Ferreira de Amorim, e o apoio de António Ferreira Amorim, a título pessoal.

A Estrutura Residencial para Idosos António Ferreira Amorim tem 41 quartos para residentes e, adicionalmente, acolhe também 35 idosos em regime de Centro de dia. Além do apoio da Corticeira Amorim e de António Ferreira Amorim, o projeto da Associação Bem-Estar, que ultrapassou os 2,6 milhões de euros de investimento, contou também com o apoio da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

Com a inauguração da Estrutura Residencial para Idosos António Ferreira Amorim, a freguesia de Santa Maria de Lamas fica dotada de uma estrutura de apoio social que permitirá garantir o bem-estar dos mais idosos e dos mais carenciados.

Bagos d'ouro celebra 10º aniversário

A associação Bagos d'Ouro faz dez anos e continua firme na sua missão de promover a educação de crianças e jovens do Douro em situação carenciada. Dez anos de empenho, entrega e intervenção no terreno, numa estratégia de proximidade que semeia sonhos e oportunidades onde mais fazem falta.

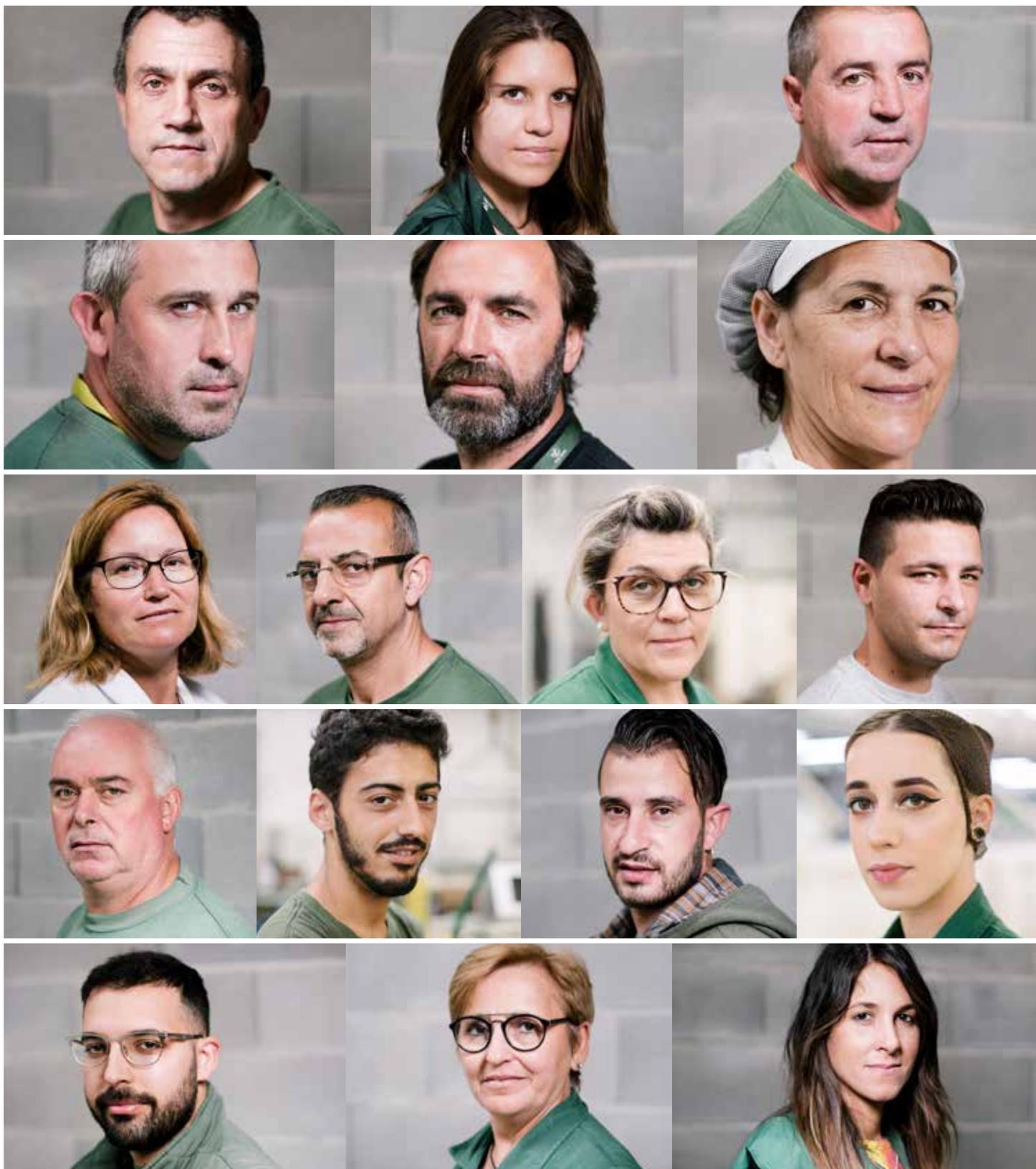
A educação é “a arma mais poderosa para mudar o mundo” e é com base nesta premissa que a associação sem fins lucrativos Bagos d'Ouro desenvolve um trabalho extraordinário numa das regiões mais belas e afamadas, mas também mais carenciadas, do país: o Douro.

Criada em 2010 por iniciativa de Luísa Amorim e do Padre Amadeu Castro, esta IPSS de iniciativa exclusivamente privada já apoiou mais de 100 famílias em seis concelhos durienses, acompanhando as crianças mais vulneráveis de uma das regiões mais pobres da União Europeia ao longo de todo o seu percurso educativo, até à integração na vida ativa.

Como explica Luísa Amorim, o papel da Bagos d'Ouro é “colocar a oportunidade no seio de cada família”, revertendo o ciclo de pobreza e exclusão social. A equipa fixa da associação trabalha diariamente no terreno, seguindo uma estratégia de proximidade que proporciona a cada criança, a partir dos seis anos e até atingir a maioridade, um acompanhamento personalizado. A equipa funciona quase

como um “padrinho ou madrinha à distância” trabalhando com crianças, jovens, famílias e professores para criar as condições e a harmonia necessárias ao seu pleno desenvolvimento. As soluções são trabalhadas em conjunto e passam por coisas aparentemente tão simples quanto arranjar uma mochila, uns óculos, ou proporcionar apoio ao estudo, explicações e encontrar um primeiro estágio. No contexto COVID, a Bagos d'Ouro mobilizou-se para encontrar computadores para que todas as crianças pudessem ter acesso ao ensino não presencial em condições de igualdade. É esta postura de valorização de cada criança, onde todos são responsabilizados e chamados a intervir na definição dos objetivos anuais e do trabalho para os alcançar (os compromissos Bagos d'Ouro) que permite desenvolver o potencial único de cada um, e atingir resultados muito positivos como 89% de aprovação escolar, 84% de compromissos Bagos d'Ouro cumpridos e 64% de crianças e jovens com desempenho escolar bom muito bom ou excepcional (números referentes a 2019). Os números são apenas uma forma de quantificar o impacto de um projeto transformador, capaz de mudar vidas. O sonho de um “Douro mais equilibrado, mais equitativo e, sobretudo, mais inclusivo”, que motivou a criação da associação, está agora mais perto.

150 anos: Terceiro ato



1870
AMORIM
2020

Our world is cork.

www.amorim.com